

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE PELOTAS, O RESGATE HISTÓRICO NECESSÁRIO PARA COMPREENDER O HOJE E PENSAR O AMANHÃ

GARCIA, Rogéria A¹;
Orientadora: Prof^a Dr^a Conceição Paludo²

¹Universidade Federal de Pelotas/FaE/PPGE- Mestranda em Educação- Bolsista CNPq
rogeriacefet@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas/FaE/PPGE – c.paludo@terra.com.br

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que tem por objetivo investigar as estratégias de combate a evasão da educação de jovens e adultos (EJA) utilizada pelos professores que atuam nesta modalidade de ensino na rede municipal de Pelotas. Neste trabalho especificamente busca-se pontuar alguns fatos importantes na história da EJA em Pelotas, bem como, realizar algumas reflexões sobre os sujeitos educandos que frequentam as classes de alfabetização, contribuindo na busca da compreensão dos processos que tentam solucionar para o combate a evasão.

Trata-se de um trabalho de investigação bibliográfica, com entrevista semi-estruturada e análise documental, com as quais busca-se reconstruir a história de Educação de jovens e Adultos em Pelotas, localizando-a no tempo histórico.

De acordo com a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, Pelotas conta com **328.275 habitantes sendo que**, 4,6% da população é analfabeta e segundo dados do censo escolar de 2010, constavam 1.497 matrículas nas classes de primeira etapa, que correspondem a 1^a à 4^a série do ensino regular na modalidade EJA, estão inclusos no censo as dependências administrativas municipais, estaduais e particulares. Esses dados apontam para a fragilidade ao combate erradicação do analfabetismo em Pelotas e a necessidade dos debates acerca desta problemática com o aporte teórico e a leitura da realidade.

A Educação de Jovens e Adultos historicamente tem sido relegada a segundo plano por parte dos governos, cujas políticas públicas implementadas sempre foram frágeis ou inexistentes, muitas vezes transferindo à classe trabalhadora a culpa pela causas do analfabetismo, marginalizando-as.

Portanto, compreender o desenvolvimento histórico da Educação de Jovens e Adultos é tarefa fundamental para o avanço na compreensão dos sujeitos educandos, no papel da escola, dos professores e gestores da educação, superando as contradições que emergem no seio da sociedade brasileira.

Assim, ressalta BERNARDIM:

Assim, esse embate diário, permeado pelas relações estabelecidas no âmbito do modo hegemônico de produção numa

determinada época do desenvolvimento humano, revela que a realização da humanidade não é fruto de idéias geniais e nem de homens ou mulheres “eleitos” ou “iluminados”, que descendem dos deuses e que advogam para si um lugar naturalmente privilegiado. Tal constatação revela que o fluxo da história é impessoal e que o seu protagonismo está nos fatos e nas condições concretas de surgimento e manutenção da vida. Assim compreendido, o conhecimento da história é o encontro do homem com a sua incompletude, é a consciência do processo de sua desumanização.

A Educação, aqui entendida como o processo de apreensão da realidade, passa então a ser o meio que permite resgatar a humanidade do homem, fazendo-o ver seu estado e sua condição, e no caso da sociedade regida pelo capitalista de produção, proporcional ao homem compreender que é o instrumento da própria alienação. (BERNARDIM, 2008, p.39-40)

Sendo assim, a implementação da Educação de Jovens e Adultos em Pelotas nasce no início da década de 80, com luta e das classes sociais desfavorecidas, que na busca por melhores condições de vida organizam-se em núcleos comunitários para a qualificação do trabalho, ou seja, aprender ou se especializar em um ofício para garantir seu sustento e de suas famílias. Nestas associações de bairro iniciam-se os cursos de corte costura, mecânica, marcenaria, etc. Neste bojo, urge a necessidade de saber ler e escrever, como elemento fundante para a qualificação do trabalho e da vida. Estes núcleos organizados reivindicam à Secretaria Municipal de Educação de Pelotas (SME) classes de alfabetização para essa parcela da sociedade que não teve a oportunidade de aprender a ler e escrever no tempo adequado.

Em entrevista com a professora Marilena Santos Silveira, que atuou junto a SME da década de oitenta até 2008, ausentando-se de 2001 a 2004, esta salienta:

Então a história da Educação de Jovens e Adultos é interessante por isso, eu sempre bato na mesma tecla, porque não foi um grupo de acadêmicos que achou interessante e disse “vamos lá na vila fazer algo”. não, foi o povo da vila que sentiu a necessidade de buscar, e foi pra secretaria, é um outro caminho, é inverso. (Entrevista realizada 30 de junho de 2010)

No início da década de 90 é criado o PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) pela SME com a seguinte estrutura:

1ª etapa: alfabetização (ler e escrever) – 2ª etapa: corresponde a 2ª série iniciando a 3ª e 4ª série.

Em 2001 é criado o Programa de Complementação – Programa que corresponde da 5ª a 8ª séries, cursado 5ª e 6ª séries em dois anos e 7ª e 8ª séries em um ano . Por

dentro da carga horária da complementação aconteciam 240 horas de cursos profissionalizantes, sendo que cada ano 2 cursos de 60 horas cada um.

Estes cursos eram ministrados através de convênios com CEFET, CAVG, NTE (informática) e AMIZ(cooperativismo) entre outros.

Em 2004 é implementado o Brasil Alfabetizado, que é um convênio da Prefeitura Municipal com o Governo Federal, num investimento para a erradicação do analfabetismo com a assessoria do GEEMPA e a supervisão da SME, que se caracterizava pelo apoio aos professores na formação continuada com discussões e trocas de experiências e planejamento das aulas de acordo com as expectativas dos alunos, criando então temas e subtemas gerais e cada disciplina desenvolvia seus conteúdos a partir das demandas comuns a todos.

Assim descreve a professora Ana Maria Feijó Bório Xavier, supervisora da SME, gestão 2001-2004.

Nesse projeto a organização curricular parte de uma investigação com os alunos sobre o que estão esperando da escola. O que querem aprender? E quais motivos os fizeram voltar à escola? Depois os professores e coordenação fazem o levantamento das expectativas. Em reunião com todas as escolas, verificamos o que cada uma levantou, listamos tudo e então discutimos qual será o eixo principal de todos os temas. Escolhido o eixo temático, listamos temas e subtemas e todas as disciplinas irão trabalhar por esse eixo. Cada escola decide por onde e qual tema inicia, porque depende da sua realidade, das necessidades de cada grupo. A proposta é interdisciplinar, fazer a conexão da história e o espaço onde ela acontece quem são os sujeitos dessa história e as suas relações com o entorno e entre indivíduos. A discussão na escola necessita dar conta do cotidiano desses jovens e adultos. Dar subsídios ou pelo menos, suporte para que façam o estudo e busca das próprias soluções. (XAVIER, 2005, P.7)

Atualmente, a formação continuada dos professores, que atuam com jovens e adultos, é realizada mensalmente e o currículo para o PEJA é organizado pelas escolas envolvidas com esta modalidade de ensino.

Através de breve análise, é possível perceber que o protagonismo dos jovens e adultos vem diminuindo na luta pelo acesso a educação formal, nesse movimento de tentar compreender quais são os implicadores que contribuem para a defasagem na participação coletiva é necessário a compreensão de quem são os sujeitos educando da EJA e quais são as concepções que se tem deste sujeitos.

Conforme Arroyo (2001, p. 10), os olhares sobre a condição social, política, e cultural dos alunos de EJA têm condicionado as diversas concepções da educação que lhes é oferecida, "os lugares sociais a eles reservados-marginais, oprimidos, excluídos,

empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas públicas oficiais".

Concluindo...

Torna-se fundamental o resgate do debate sobre temas como Analfabetismo e Educação de Jovens e adultos, esquecido no cenário educacional nacional frente a outras demandas da educação ou simplesmente pelos modismos que imperam nas grandes conferências educacionais. À medida que a cada plano, projeto, ação de erradicação do analfabetismo fracassa, é necessário romper com esse modelo de sociedade e avançar na compreensão do papel da educação e suas articulações com a emancipação humana, e não apenas pensar a escola como promotora para que os indivíduos apreendam a decodificar símbolos, tornando as palavras sem significados na manutenção da vida humana, na leitura da realidade e na intervenção concreta no seu cotidiano.

Bibliografia.

- ARROYO, M. A. **Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania.** São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001.
- CARRANO, P. C. R. **Identidades juvenis e escola. Alfabetização e Cidadania.** São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), n.10, nov. 2000.
- BERNARDIM, M. L. **Educação do Trabalhador: Da Escolaridade Tardia à Educação Necessária.** Garapuava: Unicentro, 2008.
- FREIRE, P. **Educação: O sonho possível.** In: BRANDÃO, Carlos R. **O Educador: Vida e Morte**, 2ªed.. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982,
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1988.
- XAVIER, A. M. F. B.. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NA REDE MUNICIPAL DE PELOTAS** in: Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire” -Ano 1 – Nº 1 – Julho 2005. Acessado em 25 mar 2011. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/18.pdf>